

**DEREK DE SOLLA PRICE, *A Ciência desde a Babilônia*. Editora Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, Tr. Leônidas Hegenberg e Octanny S. da Mota, São Paulo, 1976.**

Esta obra trata da história da atividade científica que o homem desenvolveu desde os primeiros tempos da astrologia babilônica e caldaica. Mostra a contribuição egípcia e suas conexões com a explosão do gênio grego nas matemáticas, filosofia e arte.

O que há de singular, logo no primeiro capítulo desse volume, é a teoria, exposta pelo autor, segundo a qual a chamada civilização ocidental, (ou seja, a civilização dentro da qual nos inserimos), seria produto de um “desvio” que a teria levado, de maneira peculiar, a uma grande produção científica, a pensar cientificamente o mundo. Esse “desvio”, sempre segundo o autor, ter-se-ia operado, de início, na Grécia, pela maneira como os gregos trataram as questões passíveis de trato científico. Exibindo as diferenças que caracterizariam a ciência grega face à babilônica, Price conta que, enquanto os gregos, através do raciocínio matemático, demonstraram que a raiz quadrada de dois é irracional; “os babilônios a calcularam com grande precisão” fazendo uso de sua aritmética muito desenvolvida.

A contribuição do “Almagesto”, como obra que sintetiza os conhecimentos de astronomia e matemática da época em que foi elaborado — 140, aproximadamente — é analisada, bem como se salienta seu papel como fonte de informação para a História da Ciência e suas transformações.

A tecnologia ocidental e chinesa da fabricação de relógios também é colocada no vasto painel histórico que o autor se esforça por abranger nas suas observações. Considera ele que dos primitivos relógios de areia, de sol e de água teria ocorrido um salto demasiado grande para os mecanismos cronométricos tal como puderam ser construídos a partir do século XIV, na Europa. Os primitivos relógios tanto mostravam as horas quanto prestavam outras informações de cunho astronômico, aspectos esses extensamente descritos no livro. A propósito, há menções sobre o uso do astrolábio e de um outro aparelho similar, o “equatorium” — instrumentos de grande aplicação na Idade Média.

A preocupação com a automatização do movimento em geral é abordada e descrita com pormenores históricos, havendo um esforço para se mostrar pontos de contato entre esse aspecto científico e as origens da Filosofia Mecanicista.



...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

